

PEDRO GOMES FILHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

MANDALA CONTADORA DE HISTÓRIAS

MATINHOS

2017



PEDRO GOMES FILHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

MANDALA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Artigo apresentado como
Trabalho de Conclusão do
Curso de Licenciatura em
Artes na Universidade
Federal do Paraná –
Campus Litoral.

Orientador: Ernesto Jacob
Keim.

MATINHOS

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

PEDRO GOMES FILHO

MANDALA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim.
Orientador - Centro de Estudos do Mar (CEM-UFPR)

Prof^a. Dr^a. Gisele Kliemann
Professora - Licenciatura em Artes – UFPR Litoral

Prof^a. Dr^a. Mayra Taiza Sulzbach
Professora - UFPR Litoral

“Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei.
Transformai as velhas formas do viver.
Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei.
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei” (Gilberto Gil)¹

¹ Extraído da canção Tempo Rei de autoria de Gilberto Gil.

RESUMO

Este texto trata de como a docência em artes se utiliza das mandalas, para inspirar fazeres e sentimentos que aproximem os estudantes de algo imaterial que caracteriza a vida como sentimento e emoção. Também é propósito deste texto apontar que o conhecimento está em todas as dimensões da vida, caracterizando-se pela objetividade das construções e pela subjetividade que caracteriza a sensibilização e mobilização de cada pessoa. Assim, a base teórica deste texto se refere, de forma tangencial, à fenomenologia de Goethe, a qual se sustenta no “Steigerung”, que incorpora posturas de intensificação, sensibilização e ritmo, os quais se caracterizam como elementos fundantes do que se pode caracterizar constituintes da percepção humana, do que convencionalmente chamamos de natureza, bem como se referenda nos referenciais fundantes da Pedagogia da Pachamama(mãe Terra). O texto se fundamenta também nas vivências do autor como artista que, em suas obras, tem profundo sentimento e sentido de respeito inafiançável com a vida, e com a integridade da Pachamama. O texto relata uma horta mandala e uma mandala tridimensional de arame, cujos movimentos configuram a apresentação de uma história durante o Festival da Interações Culturais Humanística (FICH) do segundo semestre de 2015.

PALAVRAS CHAVE:

Docência em artes; horta mandala; mandala tridimensional; contação de histórias.

RESUMEN:

Este texto aborda cómo es posible la docencia en artes, enseñar con uso de mandalas, para inspirar hacerles y sentimientos que enfoque los estudiantes algo inmaterial que caracteriza la vida como sensación y emoción. Este texto también señala que el conocimiento está en todas las dimensiones de la vida, caracterizado por la objetividad y la construcción de la subjetividad que caracteriza a la sensibilización y la movilización de cada persona. Así, la base teórica de este texto se refiere, a la manera tangencial, la fenomenología de Goethe, que se manifiesta como el "steigerung", o cual incorpora posturas de intensificación, sentimientos y ritmos, que se caracterizan como fundantes elementos de lo que si puede caracterizar a los componentes de la percepción humana, la cual convencionalmente llamamos naturaleza. Así es como si escribe la pedagogía refrendada como de la Pachamama(madre Tierra). El texto se basa en las experiencias del autor como un artista que, en sus obras, tiene sentimiento profundo y sentido de respeto de fianza con la vida y la integridad de la Pachamama. El texto informa la organización de una huerta mandala y un mandala tridimensional de alambre, cuyos movimientos establece una historia, presentada durante el festival de las interacciones culturales humanistas (FICH) en la segunda mitad del año 2015.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de las artes; huerta mandala; mandala tridimensional; narración de cuentos.

Introdução

O tema deste trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes na Universidade Federal do Paraná, campus litoral, é o debate de como a arte e a educação interagem como processo de formação do artista e do público. Esse propósito tem o foco na reflexão sobre o sentido artístico inerente às mandalas, como construção ancestral e multicultural, que promovem sensibilizações caracterizadoras do fazer artístico.

Neste artigo, no contexto da reflexão sobre o que caracteriza a mandala, a ênfase aponta para a horta mandala e a mandala tridimensional de arame, quando são apontados aspectos do contexto sócio político que interage e interfere no fazer artístico que se desenvolve fora das academias e do âmbito do mercado.

Essa postura tem a educação como agente que se apresenta com o propósito de promover e despertar metamorfoses², na formação das pessoas com quem o fazer artístico estabelece relação. Assim refletimos sobre uma educação que se faz no tempo natural.

Peço a quem estiver lendo este texto, que dedique o tempo como elemento de sua intimidade e posicione o olhar do coração para sentir as emoções e talvez algum saber. Esqueça agora a forma como se reconhece, atente-se somente à sua essência, pois é sobre ela que esse trabalho vem a refletir.

Assim, temos a mandala como canal dessa compreensão. Escolhi a mandala por ser o símbolo que despertou em meu fazer artístico o fenômeno caracterizado como interesse em um Tempo, que não é o do relógio, nem do calendário, nem de ninguém.

Também é propósito referencial deste artigo, que ele nos leve a aprender a aprender com a mandala da vida, na medida em que a mandala

² Despertar da metamorfose, se refere à possibilidade da pessoa se perceber e se compreender em metamorfose, pois a metamorfose ocorre querendo ou não. Despertar da metamorfose é expressão freiriana que se refere à existência da metamorfose apesar da educação. É importante a pessoa acordar e se perceber em metamorfose, isto é, assumir consciência crítica de que a educação desperta, instiga e promove percepções e compreensões e não promove metamorfoses. Ela conscientiza a existência das mudanças nas quais estamos integrados.

pode ser apontada como materialização da dinâmica de mudanças e de interações a que estamos submetidos a cada dia. A mandala pode então se caracterizar como a construção do dia a dia manifesto nos registros já vivenciados, nas interações. É como a representação da forma em que as mudanças, em cada um, ocorrem no cotidiano de cada pessoa inserida num contexto social e comunitário. Assim as mandalas referenciadas neste artigo apontam para esse fluxo constante que promove a metamorfose de cada vivente.

Cabe destacar que metamorfose de acordo com KEIM(2017), segundo Goethe, se caracteriza como mudanças que impossibilitam retroceder a condição anterior; como o fato de uma borboleta não voltar a ser lagarta.

As mandalas dessa vivência.

A organização de que trata esse texto, teve início com a construção de uma horta mandala, a qual foi destruída pela saga mercantil, e foi revivida posteriormente, em e como, mandala tridimensional em arame como movimento da vida em mandala.

A mandala no contexto desse trabalho surgiu como que do vazio, característico da procura de motivação do artista para sua realização. Foi um simples e complexo conjunto de elementos essenciais, materiais e imateriais no qual o artista interage ao fazer arte. Esses elementos interagem, numa totalidade harmoniosa, com todos os seres envolvidos, em cada uma das duas mandalas tratadas neste artigo, os quais a cada movimento, evoluem como os ciclos estacionais da natureza, de forma que elas representam, as transformações em metamorfose de meus interesses, sentimentos e identidade.

A enxada e um pedaço de chão, na construção da horta mandala, possibilitaram a criação de asas que continuam me levando num voo de criação e sentido produtivo, atualmente em jóias e histórias.

Compreendi a partir da horta mandala que elas são construídas com base em processos circulares que se ampliam e se transformam em espirais, como forma e essência no qual esse trabalho sente e manifesta a educação

que é círculo em espiral, conforme Ernesto Jacob Keim (2011). O círculo/espiral do tempo necessário para o casulo garantir e possibilitar o amadurecer do ser nele contido.

Com esse propósito, me envolvi com amigos de moradia³ como parceria para a construção de uma horta mandala, a qual se caracterizou como um processo de construção e descoberta de sentido e de forma, que muito me impressionaram e motivaram a ampliação dos estudos e pesquisas sobre seus significados.

A horta constituída por um canteiro com largura de um metro organizado em forma de espiral, subdividido em espaços regulares e proporcionais, gerou plantas com visível harmonia como interação entre as diferentes espécies ali semeadas juntamente com as que brotavam de forma espontânea. Eram surpreendentes as novidades que esse processo nos revelava a cada observação cuidadosa do que estava acontecendo naquele pequeno, mas muito produtivo espaço de chão de nossa Pachamama.

Os tomates brotavam e possibilitaram farta colheita sem aditivo algum, as couves com suas exuberantes folhas sombreavam as pimenteiros e juntamente com as bananeiras, garantiam a manutenção da umidade necessária para a vida vegetal e animal, dentre muitas outras observações e colheitas, que geravam alegria e contemplação.

Ainda sobre a horta mandala, acrescento que, durante os cinco anos de sua existência, cresceram ervas e arbustos e também diversas árvores frutíferas e não frutíferas, os quais conviviam num complexo sistema de interação com tudo que promovia vida, com destaque ainda para palmáceas, cipós, orquídeas, bromélias e muitas mais, as quais de certa forma, contribuíram para um sistema harmônico e viçoso.

Neste complexo sistema de vida contamos ainda com a presença das pessoas que estavam no início e as que em outro tempo passaram pela casa, além das abelhas, pássaros, pequenos animais, o vento e muitos outros elementos, que contribuíram para a polinização das flores as quais nos presentearam com frutos diversos.

³ Thiago Moura Ribeiro e Carlos Henrique Vieira estudantes de Agro-Ecologia.

A continuidade se deu sempre com o ato de semear, no círculo dinâmico espiral, levando e trazendo elementos com o sol. As sementes que semeamos ali, foram sementes, em sua maior parte, vindas das feiras de troca de sementes “crioulas” e das comunidades do litoral e do Brasil. Essas sementes são originárias por serem decorrentes de seleção por décadas junto aos povos originários. Essas sementes são ancestrais e carregam a história genealógica da família, que a guardava na terra em seu estado natural.

Essa experiência mostrou o desafio de interagirmos como o tempo na perspectiva do tempo natural, ou seja, o tempo com que os vegetais e animais promovem seus ciclos vitais, diferentes dos impostos aos viventes pelas tecnologias da transgenia.

Esse processo com seu fim trágico, mas anunciado pela euforia do mercado imobiliário, mostrou que somos seres que se alegram e comungam com o bem em todas as dimensões de interações respeitadas, com as marcas de vida que são diferentes dos ritmos do mercado. A horta mandala com o sabor do que dela colhemos e a lembrança viva da alegria e satisfação da colheita do necessário, mostraram que a fartura está na presença diária que possibilitava a partilha e a comunhão fraterna, livre da usura e da competição.

Abaixo apresentamos este texto com imagens do que foi essa pequena e bela imersão na vida com dignidade e beleza.



(foto: Tiago Ribeiro)



(foto: Tiago Ribeiro)

Este processo tão natural e rico de vida foi brutalmente abortado pela saga de mercado que identificou aquele pedaço de chão como ideal para mais um grande empreendimento imobiliário. As máquinas com seu ronco brutal, sem nenhuma consideração transformaram aquele rico e produtivo experimento em um monte de “entulhos”, desnecessários para a vida do

mercado que luta contra a vida da “vida”. Nesse afã de “limpeza” as plantas nativas, inclusive árvores com anos de desenvolvimento foram arrancadas e o terreno foi “decorado” com palmeiras exóticas, mas alinhadas com o desejo inerente à publicidade alinhada ao mercado.

Essa ação brutal, antes de desanimar nos desafiou a buscar formas de alteração dessa natureza, por meio de outras modalidades que se caracterizassem como processo educativo gerador de mudanças e metamorfoses para enfraquecer essa gana destruidora e devastadora.

Nesta busca nos deparamos com a possibilidade de construir uma mandala de arame, como agente capaz de ilustrar e inspirar histórias que promovessem conscientização crítica e fenomenológica (KEIM, 2017a), por meio da educação. Essa determinação ocorreu durante debates realizados em um encontro da atividade pedagógico-didática denominada Interação Cultural Humanística (ICH), que tratava da Emancipação Humana, a qual tinha como mediador o prof. Dr. Ernesto Jacob Keim. Nesses encontros a palavra ficava aberta, pois todos eram docentes e discentes a todo tempo, conforme enuncia a pedagogia freiriana. (FREIRE, 1995).

Desta motivação até a apresentação, decorreram alguns encontros, como espera de mais de um mês, quando tomei coragem de apresentar minha mandala contadora de histórias, foi o momento encontrado para apresentar algo diferente que logo ganhou forma na apresentação em uma aula de um curso de especialização no qual foi gravada a história que vai anexa a este artigo.

Esta mandala tridimensional em arame é composta por 2 círculos paralelos ligados a semicírculos 3 vezes menores múltiplos de nove. Neste caso são 2 círculos de 21 cm e 54 semicírculos com 7 cm. Cada um dos círculos carrega 2 faces de 9 semicírculos e estão ligadas a outros 18 semicírculos. Todos, círculos e semicírculos formam pétalas, que sobrepostas reciprocamente ilustram histórias. Temos então 2 círculos com 18 pétalas cada, as quais, quando somados às pétalas que as unem, temos $18+18+18 =$ totalizando 54 pétalas. Se somarmos as partes $5+4=$ teremos 9 e ela volta a sua síntese.

O 9 em sua grafia, de acordo com os tratados de numerologia, agora presentes nas ciências psicológicas por diferentes autores, se apresenta como

um espiral que já passou por todos os outros números. Assim no contexto da mandala, ele os carrega como potência. Essa potência sempre que multiplicada por 9 carregará o 9 quando somamos suas partes. Por exemplo: $54 \times 9 = 486$, se somamos as partes temos $4 + 8 + 6 = 18$ e somando $1 + 8 = 9$, se multiplicarmos novamente essa potência $486 \times 9 = 4.374$ e somando as partes $4 + 3 + 7 + 4 = 18$ e $1 + 8 = 9$, $4.374 \times 9 = 39.366$ somando $3 + 9 + 3 + 6 + 6 = 27$ então volta-se à força 9.

Considerando que a natureza humana está atrelada a aspectos que transcendem a materialidade, temos segundo Steiner (1998) que a vida se manifesta como liberdade ao se mover e interagir, considerando a perspectiva da materialidade e da imaterialidade. Assim, no ato de movimenta-la, pode-se compreender como é possível perceber seu poder de superação de bloqueios mentais e criativos. Essa superação é importante pois ela promove e impele a expansão e a transcendência, que supera com o envolvimento e concentração conflitos e processos limitadores em diferentes dimensões.

No processo Arte/Educação ela desperta, tanto para quem a manipula quanto para quem a observa, um encontro com o cosmo, de tal forma que este símbolo caracterizado por sua transcendência e complexidade, promove aos mesmos já citados, um encontro simultâneo e complexo de uma ordem e de um processo que é caótico, caracterizando-se como uma equivalência de ações, as quais caracterizam um processo harmonioso de sua totalidade.

A estrutura dessa construção possibilita movimentos e nesse momento de apresentação, gerava novas e criativas abordagens, dentre elas as que eram contadas e adaptadas por crianças, em um encontro do Festival das Interações Culturais Humanísticas (FICH), ao receberem mandalas de arame. Elas quando provocadas e estimuladas, inventavam novos contos e novas formas representativas de suas fantasias e inspirações. Desse encontro cabe destacar que diversas crianças foram vistas após a apresentação pública, inventando novas histórias e novos movimentos e também novos personagens, que eram apresentados com novos e criativos movimentos das pétalas.

Os desafios postos pelas mandalas, ao contexto social vigente

A destruição sem nenhuma consideração da horta mandala e das árvores de seu entorno, no processo de “limpeza” do terreno para agregar um projeto imobiliário mediado fundamentalmente pelo mercado, se caracterizou como uma posição de intervenção e não de interação com a natureza, caracterizando-se como um processo inserido num contexto pós-colonial⁴. A brutalidade dessa ação, aponta a postura do mercado como continuidade do espírito invasor iniciado há 500 anos. Ela mostra como é inadequado se falar em independência nacional quando a visão prepotente do mercado colonizador e colonialista, segundo Ernesto Jacob Keim (2017b) consubstancia e referenda as atitudes e ações denunciadas anteriormente, e se amplia e se mantém, com a instalação e propagação de um sentimento de medo pelo retrocesso.

Medo de voltar a ser dependente, apesar de não ter consciência de ainda estar dependente, e ter incorporado os referenciais coloniais e colonialistas da ganancia, da vaidade, do consumo e da competição entre outras mazelas que nos submete à condição de escravizados, com a ilusão da euforia, marcada pela publicidade governamental.

Escravidão que nos mantém ainda mais distante dos seres da terra, afastando-os e fazendo-os trabalhar em situações que ultrapassam a vida para assegurarem o alimento básico da família. Assim se faz a independência escravocrata. Milhões de pessoas trabalham em empregos reais ou ideais, por longas jornadas diárias, deixando de se relacionar com a vida, ultrapassando o ritmo e a harmonia da ordem natural, sendo levado com o fluxo da nova ordem mundial.

Segundo o IBGE (2015), o Brasil tem hoje, cerca de 33 milhões de pessoas sem moradia, conforme consta do relatório lançado pelo Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos, 23 milhões de desempregados, 7 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, ou seja, em estado grave de fome. O censo escolar mostrou em 2015 que,

⁴ Na abordagem referente ao colonialismo Ernesto Jacob Keim (2017a), aponta para quatro aspectos que esclarecem essa abordagem, ou seja, **descolonial** se refere a uma total negação da herança e dos processos legados e impostos pelo colonizador, **decolonial** se refere a um estado de enfrentamento ao legado e aos processos impostos pelo colonizador, **pós-colonial** significa que estou usufruindo o legado deixado pelo colonizador e **anticolonial** se refere a uma postura que tem consciência do legado e da ação colonial, colonialista e colonizadora desprezando-a e buscando a formação e construção de um mundo novo e independente. Nessa matriz se desenvolve o Bem Viver como “Grito Andino a Favor da Mãe Terra”. Este texto se organiza na dimensão anti-colonial.

apesar do ensino obrigatório, 3 milhões de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos estão fora da escola e 13 milhões acima dos 15 anos não sabem ler e escrever. Estes dados apontam para qual futuro? Será que estamos no caminho da libertação ou da submissão e da barbárie?

À luz destes dados esse trabalho vem observar, a escolarização não consegue e não conseguiu promover domínio das letras e dos números a toda a população, mas cabe aí, a reflexão que sugere perguntar se de fato, dominar letras e números se caracteriza como essencial à vida humana. Entendemos que é fundamental desenvolver formas diversificadas referentes à educação, como contexto que forma, ensina e treina. O fenômeno do que significa aprender, como vivência, que intensifica sentimentos e a percepção de ritmos que caracterizam a vida em sua essência deve ser desenvolvido, como meio que amplie a educação e a escolarização a assumir seu papel de vanguarda nas mudanças sociais.

Essa posição aponta para os que são contra a “maré” e que resistem para se manterem vivos com base em seus ideais de vida em plenitude, como essência. Essência dos próximos e dos não próximos, irmãos terrenos, aqueles que aprenderam com a natureza, como nossos ancestrais. O aprender espontâneo e o aprender brincando, com interesse em aprender, bem como o aprender com o novo e com o velho, indica formas de aprender diante das dificuldades para poder aprender ainda mais nos momentos de conforto. Esse aprender, nessas diferentes posições, pode ser uma referência às aprendizagens desenvolvidas pelas pessoas que de certa forma são marginalizadas pela sociedade por escolherem vida alternativa, muitas vezes afastadas das escolas.

Num atempo, esse trabalho vem se metamorfoseando, construindo e desconstruindo, envolvendo e desenvolvendo no movimento da vida. E carrega no momento, minha compreensão sobre educação. Educação que tem como essência a vida e um intuito simples, o Amor.

Amor como nos traz Leonardo Boff em sua pedagogia do cuidado ao dizer que ...educação amorosa e sintonizada com a vida se caracteriza segundo (KEIM,2017b) como algo inerente à dinâmica da natureza, podendo se caracterizar como acoplamento ou interação necessária, mas inconsciente que ocorre na natureza como dinâmica eco-reorganizativa. O Amor também se

manifesta, por exemplo, quando nossos ancestrais dividiam a caça ou a coleta de alimentos que se manifestava como partilha carregada das dores, alegrias e esperanças, que estavam inerentes nestas ações.

A emancipação dos humanos no planeta com base no amor e na partilha, é destacada por Ernesto Jacob Keim (2011) ao citar Boff, quando ressalta que ao contrário do que já nos fizeram acreditar, não foi pela competição, mas pela capacidade de interagir que a relação forte e fraco perdeu significado na questão da sobrevivência animal.

Assim, o amor pode ser apontado como importante responsável pela sobrevivência humana pois sem amor na humanização, seria vazio o sentimento profundo, que anima a partilha e a busca do conhecimento que promove emancipação coletiva e planetária. O Amor é assim como a mandala, multiforme, multicolorida e multiabrangente.

Assim, nestas múltiplas manifestações, este trabalho tem como fé, contar como o simples reconhecer do outro, supera o contexto colonizador e tem como propósito o reconhecimento que permite abrir os sentidos para o que está próximo e não o sentimos, pois tem como finalidade despertar para a transformação como metamorfose, quando olhamos para dentro de nós mesmos, compreendendo as mudanças metamorfoseantes.

O Aprendendo a Aprender como vivência educativa e não apenas escolar

Conheci e vivi anos de minha vida com os “Malucos de Estrada”, malucos como se reconhecem os artesões nômades que são popularmente conhecidos como hippies. Vivem nas ruas, são tidos primitivos e são portadores de técnicas milenares impregnadas de diversas linguagens artísticas, técnicas circenses, técnicas ourives e malharias medievais, técnicas africanas, habilidades indígenas diversas, enfim, um saber-fazer que se metamorfoseou no tempo com a cosmovisão dos povos viajantes, apesar do devorar antropofágico de outras culturas, com o qual se relacionam pelo caminho e com o amor e a troca espontânea.

A motivação para esta incursão veio do fato de inúmeras vezes sentir que não estava caminhando o meu caminho, que todos os meus comportamentos e consumos me levavam, a uma postura que nada tinha nem fazia sentido com a essência de minha pessoa. Minha essência, clamava por uma vida permeada pela arte e ela surgiu em meu caminho. Mas não a arte que caminha com o ego e ao espetáculo programado das convenções e sim a arte que transcende o criador a cada criação, da arte como postura consciente da vida e que aprende a aprender a cada passo.

Com eles viajei por muitos estados no Brasil e alguns países da Sul-América e com eles recebi iniciação, na construção de Mandalas Tridimensionais em Arame.

As mandalas são construções humanas de origem imemorial e atualmente elas são consideradas originárias de tradição Indo-tibetanas, utilizadas como instrumentos que contribuem para o aprofundamento e concentração nas meditações. Além dessa perspectiva, as mandalas são instrumentos importantes para motivar a concentração e a compreensão de possibilidades que ampliam e transformam conhecimentos.

As mandalas representam a constante expansão de consciência com sua construção e desconstrução. A mandala é i-material e surge primeiramente no vazio de uma visualização mental. Então, materializa-se no momento em que se alcança internamente essa visualização.

São inúmeras divindades, formas geométricas, memórias que formam um todo em essência e natureza mandala. Mandala em sânscrito significa círculo dinâmico e espiral que é o símbolo maior da união e do todo.

A mandala está presente na vida desses grupos nômades, pois ali se vivencia como a vida se transforma diante das situações positivas ou adversas, em seu caminhar livre e marginalizado. O “maluco” vive as contradições do estado de direito da união. Esse sempre é um tema presente nos debates dos malucos pois sustentam seu modo de vida na Constituição da República Federativa do Brasil que destaca em seu capítulo I dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos em seu Art. 5 °, onde diz:

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;
XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

LIV - ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal;

Nesse caminho identificamos inúmeras irregularidades na postura do estado e no desrespeitar de seu próprio código de condutas ao sermos perseguidos e molestados pelas autoridades que diziam agir de acordo com a lei.

O coletivo “A Beleza da Margem”⁵ movimento formado por Malucos de Estrada, que registra e une um material da beleza da cultura como artesanato e linguagem, como memória dessa linguagem ímpar, com o intuito de conseguir reconhecimento frente ao estado, e como denúncia da tortura diária, imposta pelo “departamento de segurança” que viola o próprio artigo da constituição ao roubar, sob o argumento de apreensão, os artesanatos produzidos e expostos pelo Malucos em pontos das vias públicas em pontos centrais das cidades.

Nessa vivência os malucos são abordados como ambulantes ilegais, pois não possuem os registros nos órgãos municipais que caracterizam os camelôs ou vendedores ambulantes. A perseguição se dá por esta falta de consciência e de informação de que os malucos não são comerciantes, e também se sustenta com o argumento de obstruírem a via pública sem considerar que são artistas nômades e agentes de cultura protegida pela legislação federal, reconhecidos como artistas movidos pela “cultura de rua” que se caracteriza, como patrimônio histórico i-material brasileiro, o que se manifesta como cultura que se transforma e vive há gerações.

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, amplia a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) diz que:

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração e é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

⁵ belezadamargem.wordpress.com

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define como patrimônio imaterial...

...as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Esta definição foi ratificada no Brasil em 2006 na Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.

Um problema recorrente com base na legislação se dá pelo fato de os Malucos, por serem nômades, desenvolvem processo de educação de suas crianças na estrada, pois como outras tribos/povos nômades que vivem como seus ancestrais, e de acordo com suas origens, são molestados em suas tradições ao serem cobrados pelas autoridades, para o cumprimento da lei estadual que obriga as crianças a estarem matriculadas em escolas⁶. Essa lei se confronta com a constituição federal (LDB, 1996) a qual garante formas diferenciadas de educação como possível, fora da dinâmica e estrutura escolarizada, pois a lei estadual impede um povo nômade a se manter com seus hábitos e costumes, o que mostra um descompasso entre a compreensão de que uma lei maior, federal, não pode ser questionada por uma lei menor, estadual. Assim, é legítimo o mérito de educação familiar desenvolvido por essas famílias de artistas.

Educação como resposta à pergunta: Você ama e tem paixão pelo que faz?

Essa pergunta quando dirigida a um artista, nos leva a esperar que a resposta seja positiva, pois a arte implica em emoção, sentimentos e ritmos

⁶ Legislação estadual que de acordo com a lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que trata da obrigatoriedade do ensino, ao destacar no art. 6º que: “ É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade”. De acordo com esta lei os pais podem ser multados se não respeitarem a essa legislação, com valores que podem ir de três a vinte salários mínimos segundo o artigo 249 do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

intensificados, como está posto pela fenomenologia amparada em Goethe⁷ (KEIM, 2017a) a qual indica que as metamorfoses implicam nessa radicalidade.

Assim, esse trabalho começou a ganhar forma acadêmica durante as atividades como discente no componente curricular nominado Projeto de Aprendizagem (P.A)⁸ inicialmente sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Rogerio Oliveira da Silva⁹, cujo tema por mim proposto, foi debater a relação dos Malucos com a Mandala.

Esse processo ganhou impulso significativo quando o mesmo tema foi tratado e aprofundado em outro componente curricular nominado Interação Cultural Humanística (ICH)¹⁰, sob a condução do Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim¹¹, como já destacado anteriormente, quando ocorreu um vivo incentivo e nova motivação, inerente à Emancipação Humana, que contribuiu significativamente para o aprimoramento teórico desta temática.

Esse aprimoramento se referendou nos debates vinculados à Ética, compreendida como a “radicalidade das ações humanas a favor da vida”, (KEIM, 2011), a qual referenda a vida dos malucos, amparada na amorosidade e na reciprocidade, a qual ao ser confrontada com a Moral, apresentada como “a radicalidade a favor dos contratos sociais”, justifica as ações de perseguição impetrada pelas autoridades.

Essa distinção mostra que a ética é absolutamente pessoal e individual podendo ser coletiva se assim, for acordada por todos os integrantes do grupo, e a moral se caracteriza por estar amparada na legislação que rege a sociedade, estando, portanto, acima das pessoas e de suas organizações particulares.

⁷ A Fenomenologia de Goethe, desenvolvida inicialmente por Rudolf Steiner, está em fase de reelaboração conforme Jonas Bach Junior (2016) e Ernesto Jacob Keim (2017a).

⁸ No projeto de aprendizagem, o aluno antecipa e vivencia de forma autônoma o exercício profissional. O aluno como sujeito co-responsável de seu processo de aprendizagem, aprende a significar um cotidiano balizado por valores locais. E, sem perder a perspectiva da mundialização, respeita limites humanos, engaja-se em um processo de auto-organização e autoprodutividade.(Projeto Politico Pedagógico- UFPR Litoral, 2008)

⁹ Professor adjunto da Universidade Federal do Paraná/UFPR.

¹⁰ “Através de encontros que ocorrem semanalmente, integrando estudantes dos diferentes cursos, o ICH constitui-se num espaço de aprendizagem interdisciplinar. Possibilita a articulação de diversos saberes (científicos, culturais, populares e pessoais) e busca um olhar mais amplo para a problemática cultural e humanística contemporânea”. Projeto Politico Pedagógico – UFPR Litoral.

¹¹ Professor lotado Centro de Estudos do Mar (CEM-UFPR) com interação no setor Litoral.

Nas atividades em que a Mandala foi debatida nas ICH, foi relevante o debate referente à Emancipação Humana que é referencial importante da organização filosófica da Pedagogia da Pachamama (KEIM,2017b). Pachamama em referência à forma como os povos andinos se referem à Mãe Terra.

Esses povos que estavam nas américas antes da invasão e colonização europeia, são até hoje chamados como não-civilizados e de selvagens, mas ao protegerem a Mãe Terra se confrontam com os civilizados que se caracterizam por mutilar e ferir de morte a Mãe Terra, vendo-a apenas como fonte de recursos, e seus filhos como recursos humanos, o que é destacado nos debates e referenciais do Bem Viver que se caracteriza como grito andino a favor da Mãe Terra.

A Mandala Tridimensional contadora de histórias

Referendado na postura ética, nos referenciais da Pedagogia da Pachamama, na consciência libertária que caracteriza a vida dos Malucos da Estrada e na essência inerente às mandalas, este texto mergulha numa visão poética e transcendente da Mandala Tridimensional como referencial para a vida social que respeita e promove vida para um novo mundo e para um humano que viva integrado e seja efetivo integrante da vida manifesta no seio da Pachamama.

Nesse sentido a seguir está a transcrição da história contada pela mandala conforme a gravação que acompanha esse texto, com locução do Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim, fundo musical da Prof. Ms, Liz Meira Góes, disponível também no endereço do Youtube, <https://www.youtube.com/watch?v=wOP0bma7xtk>

MANDALA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Pedro Gomes Filho
Ernesto Jacob Keim

Essa mandala aramada vai nos contar uma bela história planetária e cósmica. (Forma inicial uma caixa fechada)

Era uma vez, num momento do espaço sideral, no qual coexistiam inúmeras e incontáveis humanidades, cada qual inserida em caixas. Nessas

caixas com humanidades encaixadas estão acondicionadas as sociedades que a formam. Tudo estava “em ordem” e reinava a “paz”. As pessoas integrantes das sociedades encaixadas, estavam por sua vez acondicionadas em diferentes caixas menores e se conformavam em saber, que fora de sua caixa existiam inúmeras outras caixas, cada qual com seus valores, formas e princípios de garantir suas vidas encaixadas. Encaixadas. Encaixadas uma junto da outra. Encaixadas dentro de caixas. (duas faces planas)

Tudo ia bem até que um grupo de jovens resolveu perguntar a seus parceiros de caixa se eles estavam curiosos em saber o que havia e como viviam as pessoas que estavam nas demais caixas. Essa onda se espalhou pelo “face” existentes entre eles, e em pouco tempo, começaram a se agitar e de repente,... um lado da caixa cedeu (*abrir um dos lados planos*) e eles saíram. Inicialmente ficaram perturbados sem direção e sem saber o que fariam, mas alguns foram abrir outras caixas e descobriram que o conjunto de caixas, formavam uma grande ESFERA. (formar uma esfera)

Essa era uma esfera muito grande e ampla, a qual em sua imensidão ia muito além do palpável e descobriram mais esferas, entre elas se deram com a existência de um SOL com seus nove planetas. (mandala aberta)

Essa percepção levou à compreensão de que estavam diante e também imersos em grande, complexo e dinâmico CAOS de esferas com suas caixas. (diversos movimentos até formar dois gomos)

Deslumbrados identificaram o infinito, perceberam as dualidades e as diferentes possibilidades que caracterizam a complexidade. Havia outros mundos e haviam outras possibilidades de vida... (forma de disco voador)

Descobriram a forma de casulos e no interior dos casulos, em sua intimidade, viram que ocorriam metamorfoses. (forma de casulo)

No interior dos casulos larvas se metamorfoseavam e saíam com suas asas bem esticadas, fazendo um bailado como somente as borboletas sabem. São coreografias belíssimas e únicas. (movimentando as abas)

Depois que viram e compreenderam o que viam, estavam extasiados e foram surpreendidos com a chegada da guerra. (forma de cogumelo atômico)

Mas ao final, depois da guerra e da destruição, como na maioria dos filmes e intervenções usamericanas, nossos jovens exploradores foram além dessa civilização que é sanguinária, e descobriram a esperança que se manifestava na forma de animais aquáticos que se movem e que flutuam, e que vão num movimento belíssimo nas águas (*forma de água viva*) e também formam flores. Flores coloridas que deveriam encher os tubos dos canhões e afogar os donos da guerra, com seus aromas e seus caldos geradores de vida, numa primavera de amor e felicidade. (montar como uma flor)

Depois da guerra vem a compreensão da falência dos dualismos, acaba-se certo e errado, guerra e paz; feio e bonito para evidenciar a presença de novo paradigma amparado nas tríades.

Surgem as tríades e trindades as quais superam decadente relação guerra e paz trazendo o transitório; amor e solidão sendo mediadas pela paixão; pensar e sentir sendo dinamizadas pela ação.

Dessa forma aquelas pessoas entenderam o tempo como arte manifesta pela mandala como dois gomos, agora representando uma ampulheta que se expande numa flor de lótus que se metamorfoseia, e com suas pétalas sai como uma borboleta bailando por ai, no cosmo que é infinito, eterno e sábio (topia, cronía e sófia)

É a flor de Lótus que vibra no terceiro olho, no topo da cabeça... no azul-violeta, do campo vasto multicolor e sem fim, como canta o poema...

Essa história aponta de forma interessante como é possível desencadear reflexão sobre o cotidiano como representação de vida como interação.

CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS

As mandalas da mesma forma que a educação, não são permanentes e sempre estão inconclusas, incompletas e inacabadas, por isso este artigo não pode receber considerações finalizadoras. As mandalas nos ensinam e nos apontam para a vivacidade da vida que é mutante, e de forma complexa, incorpora importantes teorias do comportamento humano e da engenharia de materiais com que são amarradas e movimentadas, de forma que a consideração final esperada e desejada é que os ilustres leitores se questionem sempre se amam profundamente o que fazem e se têm em seus fazeres motivações para ampliar suas diferentes formas de viver, reconhecendo-se como humano consciente e crítico para dar sentido à sua existência como ser em metamorfose permanente.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BACH JR, Jonas. A fenomenologia de Goethe e a Educação em Steiner. Campinas: FE.UNICAMP, Tese Pós Doutoral, 2015.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. P 03.

_____. Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 - que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) - e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR).

_____. Decreto nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010 o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), utilizado para reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em : <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/educacao.html>. Acesso em: 20/04/2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> . Acesso em: 20/04/2017.

KEIM, Ernesto Jacob. Educação e fenomenologia em Goethe. No prelo, 2017a

_____. Pedagogia da Pachamama. Anotações da pesquisa em andamento, Pesquisa ID 19575, BANPESQ 20140195-75, Matinhos: UFPR, 2017b.

_____. Educação da Insurreição. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

_____. Educação, Fenomenologia, Ciência e Goethe. Matinhos: UFPR, Power Point, agosto 2015.

_____. Interações de Rudolf Steiner com a Educação anticolonial. Curitiba: Editora UFPR, Educar em Revista, n. 56, p. 85-100, abr./jun. 2015.

_____. Power Point: Pedagogia da Pachamama. Pontal do Paraná: CEM UFPR, 2016.

PASSERINI, Sueli Pecci. O fio de Ariadne: Um caminho para a narração de histórias. São Paulo: Antroposófica, 2004.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, 2008.

SCHILLER, Friedrich. A Educação Estética do Homem. São Paulo: Iluminuras, 1990.

STEINER, Rudolf. Filosofia da Liberdade. São Paulo: Antroposófica, 1998.

